

O Impacto Social da Pandemia

Estudo ICS/ISCTE Covid-19 - *Dados da 2ª Vaga*

Junho 2020



Pedro Magalhães
Rui Costa Lopes
Pedro Adão e Silva

coord.

ÍNDICE

<i>Sumário Executivo</i>	3
1. <i>Ficha técnica</i>	6
2. <i>Caracterização da amostra</i>	7
3. <i>Confiança nas fontes de informação sobre a pandemia</i>	9
4. <i>Tensões familiares decorrentes do confinamento</i>	13
5. <i>As preocupações em relação ao futuro</i>	20

Sumário Executivo

- Este relatório baseia-se em duas vagas de inquérito *online* sobre a pandemia Covid-19 e os seus impactos nas pessoas que vivem em Portugal. O inquérito decorreu entre os dias 25 e 29 de março de 2020 (primeira vaga) e entre os dias 24 de abril e 4 de maio do mesmo ano (segunda vaga), junto de uma amostra de 752 inquiridos que responderam às duas vagas. A amostra não é representativa da população residente em Portugal. Por essa razão, este relatório não procura fazer inferências descriptivas para qualquer população, mas sim concentrar-se em três aspectos principais: 1) as evoluções ocorridas no período que medeia entre a primeira e a segunda vagas do inquérito; 2) a relação entre as respostas dadas nas duas vagas e diferentes atributos dos inquiridos; e 3) o discurso direto dos inquiridos em relação a algumas perguntas de resposta aberta incluídas no inquérito.
- Um dos temas da segunda vaga deste estudo é o da confiança dos inquiridos em diferentes fontes de informação sobre a pandemia. Nesta amostra, a televisão e a imprensa gozam de maior confiança junto dos inquiridos como fontes de informação sobre a pandemia do que as redes sociais ou os amigos e família, replicando os resultados quer da grande amostra *online* da primeira vaga quer do estudo com uma amostra representativa da população conduzido pelo ICS e pelo ISCTE em março passado.¹
- De um ponto de vista agregado, pouco ou nada mudou deste ponto de vista entre março e maio de 2020. Contudo, essa aparente estabilidade esconde o facto de mais de um terço de inquiridos ter mudado de opinião sobre o grau de confiança que as diferentes fontes merecem, uns ganhando confiança e outros perdendo-a. A idade é o fator mais importante por detrás desses movimentos: em geral, quanto mais velhos os inquiridos, mais diminuiu a sua confiança nas diferentes fontes de informação, ao passo que os mais jovens ganharam confiança. Por outras palavras, o

¹ Magalhães, P. C., Gouveia, R., Costa-Lopes, R., & Silva, P. A. e (2020). *O Impacto Social da Pandemia. Estudo ICS/ISCTE Covid-19*.

padrão encontrado em março passado — em que os mais jovens confiavam menos em todas as fontes de informação do que os mais velhos —tornou-se menos acentuado com o tempo.

- Outro tema abordado nesta segunda vaga foi o das tensões familiares decorrentes do confinamento. Cerca de um em cada cinco inquiridos reportou que vivenciou mais momentos de tensão familiar durante o confinamento do que sucedia anteriormente. Essa resposta foi mais frequente entre os mais jovens (16-24) e os que se encontram a estudar e, em menor grau, entre os inquiridos com 45 a 54 anos. Outro fator importante deste ponto de vista é a instrução: quanto menos instruídos, maior a probabilidade de responderem que vivenciaram mais tensões na família durante o confinamento do que sucedia anteriormente.
- Esse aumento das tensões familiares foi também mais frequente nos agregados monoparentais — um só progenitor e o(s) filho(s) —, nos agregados compostos por família alargada — casais com filhos, pais, sogros, avós, netos, etc. — e nos agregados constituídos por várias pessoas sem núcleo — colegas de trabalho, amigos ou primos. Finalmente, o aumento da tensão no interior das famílias está também associado à alteração de rotinas e à dificuldade em lidar com as restrições causadas pelo confinamento.
- Um terceiro tema abordado nesta segunda vaga tem a ver com as principais preocupações dos inquiridos com o futuro. Nesta amostra de inquiridos, a “situação económica do país” foi a preocupação mais mencionada, seguida da “situação de saúde pública” e da “incerteza sobre quando voltamos a estar com familiares, amigos e colegas”. Dito isto, entre os inquiridos cuja situação financeira pessoal foi mais afetada, a sua “situação financeira pessoal” é a segunda preocupação mais mencionada.
- As variáveis mais relacionadas com uma maior preocupação com a saúde pública nesta amostra são o sexo e o posicionamento ideológico. Em particular, é entre as mulheres e os que se posicionam mais à esquerda que a situação da saúde pública ganha importância em comparação com os restantes grupos. Por outro lado, a maior

preocupação com a economia do país é mais prevalecente entre os inquiridos com maior instrução.

- Convidados a desenvolver as suas preocupações numa pergunta que permitia uma resposta aberta, muitos inquiridos desenvolvem as preocupações anteriores. Outros, contudo, trazem novos temas: as desigualdades sociais e a pobreza como consequências da crise sanitária; formas de discriminação social, particularmente em relação aos mais velhos; o impacto sobre os mais novos do afastamento do meio escolar; e as consequências políticas da pandemia, nomeadamente no que toca às liberdades cívicas e ao futuro do projeto europeu.
- Muitos inquiridos manifestam também preocupações mais difusas, mas não menos intensas: a falta de controlo sobre a própria vida com o aumento da incerteza e da imprevisibilidade, a diminuição da qualidade das relações familiares e interpessoais, e a perda de um estilo de vida “cosmopolita” (viagens, a vida “fora de casa”, o usufruto da cidade).

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se num inquérito *online* que decorreu entre os dias 25 e 29 de março de 2020 (primeira vaga) e entre os dias 24 de abril e 4 de maio do mesmo ano (segunda vaga). O inquérito foi coordenado por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A amostra obtida é uma amostra “bola de neve” ou “guiada pelo respondente”: o inquérito foi partilhado através das redes sociais *Facebook* e *Twitter* e de correio eletrónico pelos coordenadores do estudo e pelas instituições a que pertencem junto de uma amostra não-aleatória de indivíduos, tendo sido depois partilhado pelos respondentes que o entenderam fazer. Dos dois processos de divulgação resultaram **752** inquiridos que se confirmou terem respondido às duas vagas do inquérito. Por outras palavras, seja devido ao processo de seleção da amostra, seja devido à “autosseleção” dos inquiridos que decidiram responder às duas vagas do inquérito, estamos perante **uma amostra de conveniência, que não permite que se façam inferências sobre qualquer população, tal como, por exemplo, a população portuguesa**. Dito de outra forma, todos os resultados baseados nesta amostra e apresentados neste relatório têm um valor estritamente exploratório, não devendo ser interpretados como representando, com um grau de incerteza possível de ser estimado, os atributos de qualquer população. Contudo, a investigação existente mostra também que este tipo de amostra, apesar de inadequado para inferir sobre a prevalência de quaisquer atributos numa população, preserva frequentemente **relações entre variáveis**, em comparação com o que sucede com amostras desenhadas para serem representativas.² Logo, ao longo deste relatório enfatizaremos a análise das relações entre variáveis, assim como a da evolução ao longo do tempo dos mesmos inquiridos que responderam às duas vagas do inquérito.

Equipa de investigação:

Coordenação: Pedro Magalhães (ICS-ULisboa), Rui Costa Lopes (ICS-ULisboa) e Pedro Adão e Silva (ISCTE-IUL).

² Ver, por exemplo, Bhutta, C. B. (2012). Not by the book: Facebook as a sampling frame. *Sociological Methods & Research*, 41(1), 57-88.

Ana Nunes de Almeida (ICS-ULisboa), João Ferrão (ICS-ULisboa), João Mourato (ICS-ULisboa), José Santana Pereira (ISCTE-IUL), José Sobral (ICS-ULisboa), Karin Wall (ICS-ULisboa) e Rita Gouveia (ICS-ULisboa),

2. Caracterização da amostra

As tabelas abaixo descrevem algumas das principais características da amostra de conveniência recolhida neste inquérito de painel *online*.

Tabela 2.1. Distribuição da amostra por sexo

Masculino	47,6% (358)
Feminino	52,4% (394)

Tabela 2.2. Distribuição da amostra por escalões etários

16-24 anos	10,4% (78)
25-34 anos	11,8% (89)
35-44 anos	21,7% (163)
45-54 anos	23,1% (174)
55-64 anos	15,8% (119)
65 anos ou mais	16,9% (127)
<i>Prefiro não dizer</i>	0,3% (2)

Tabela 2.3. Distribuição da amostra por grau de instrução mais elevado que completou

Ensino superior	81,7% (614)
Ensino secundário	17,4% (131)
3º ciclo ou menos	1,0% (7)

Comparando as características desta amostra de conveniência com as estimativas conhecidas para a população residente em Portugal com 16 ou mais anos, destacam-se:

- uma distribuição da amostra por sexo que espelha a distribuição da população de forma bastante aproximada (Tabela 2.1);
- uma sub-representação nesta amostra dos membros do escalão etário entre os 16 e 24 anos (de cerca de 2 pontos percentuais) e, em especial, dos membros do escalão com 65 anos ou mais anos (de cerca de 8 pontos percentuais) (Tabela 2.2);
- uma muito forte sobrerepresentação nesta amostra dos inquiridos que completaram o ensino superior, com uma correspondente e igualmente forte sub-representação dos que completaram o 3º ciclo ou menos (Tabela 2.3). Este é o

principal enviesamento desta amostra, que era previsível tendo em conta a forma “bola de neve” como foi construída.

3. Confiança nas fontes de informação sobre a pandemia

Nesta secção, debruçamo-nos sobre os níveis de confiança em diferentes fontes de informação sobre a pandemia, designadamente a televisão, a imprensa, as redes sociais e os amigos e família.

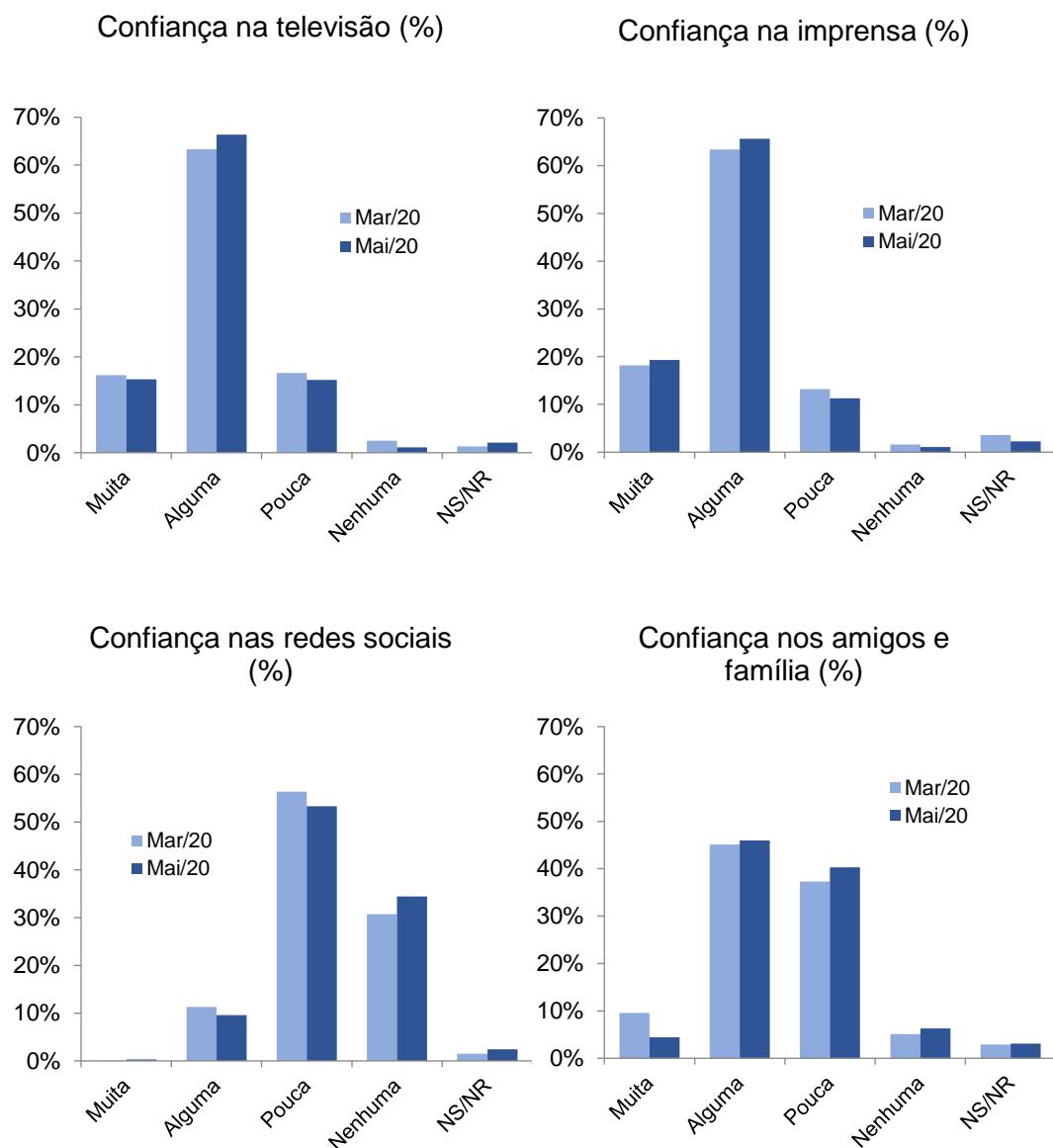


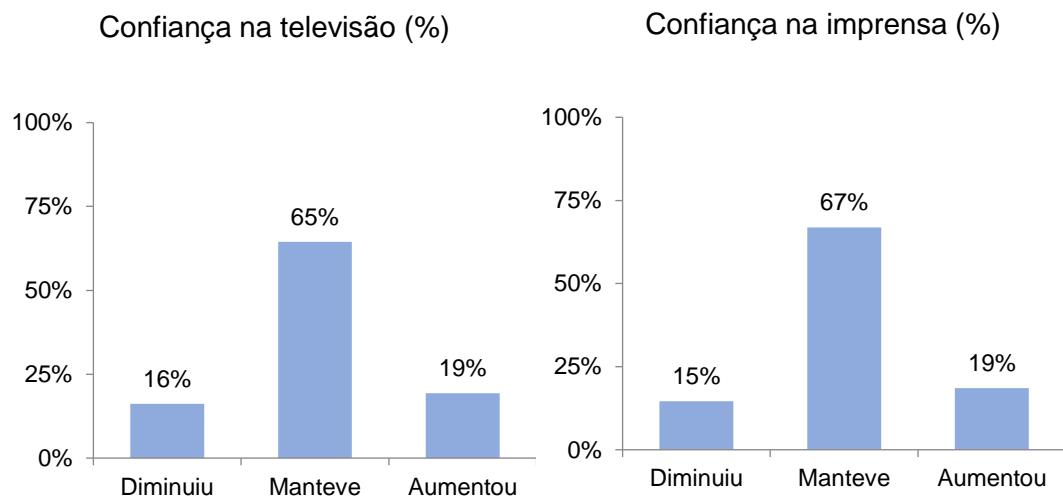
Figura 3.1: Confiança em diferentes fontes de informação sobre a pandemia Covid-19 em março e maio de 2020

A televisão e a imprensa gozam da confiança da maioria dos participantes neste estudo (Figura 3.1): em ambas as vagas do Inquérito (março e maio de 2020), mais de 80%

afirmaram depositar “muita” ou “alguma” confiança nestes média enquanto fonte de informação sobre a pandemia.

Por sua vez, **as redes sociais são vistas como dignas de pouca confiança por mais de metade dos inquiridos, e não têm a confiança de cerca de um terço dos mesmos**. Ao longo do tempo acentuou-se este quadro de desconfiança – a diminuição da proporção dos que sentem “pouca” confiança é equivalente ao aumento dos que não têm “nenhuma” confiança nas redes sociais enquanto fonte de informação sobre a pandemia.

Quanto à confiança nos amigos e família, os inquiridos dividem-se de forma quase equitativa entre os que expressam “alguma” e “pouca” confiança, embora os primeiros sejam mais numerosos. Entre março e maio de 2020 houve uma quebra acentuada da proporção dos que diziam confiar muito na informação sobre a pandemia obtida através de familiares e amigos, ao mesmo tempo que aumentou a percentagem dos que confiam pouco nestas fontes de informação.



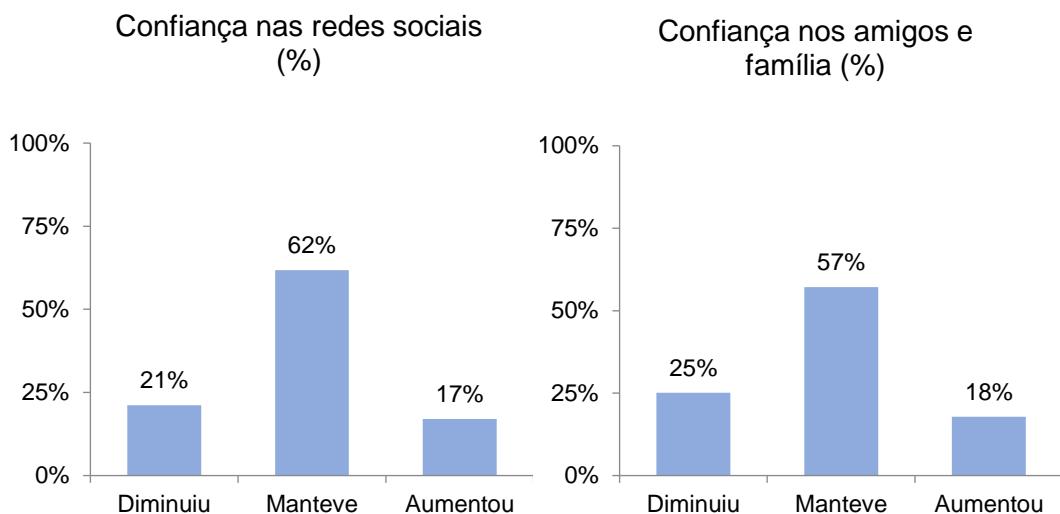


Figura 3.2: Evolução da confiança em diferentes fontes sobre informação política entre março e maio de 2020

Mesmo que, ao nível agregado, as alterações ocorridas entre março e maio de 2020 sejam reduzidas, elas podem ocultar mudanças relevantes ao nível individual. O facto de termos recolhido as respostas dos mesmos indivíduos ao longo do tempo permite apreciar esses movimentos. Ao compararmos as respostas dadas pelos inquiridos na primeira e na segunda vagas deste Inquérito (Figura 3.2), verificamos que a maioria (entre 57 e 67%) não mudou o seu grau de confiança nestas quatro possíveis fontes de informação sobre a pandemia. Quanto aos restantes, nos casos da televisão e da imprensa o saldo foi positivo: 15/16% passaram a confiar menos, mas 19% expressam mais confiança em maio que em março. O padrão oposto é observável nos níveis de confiança nas redes sociais e amigos/família: aqueles que passaram a confiar menos são mais numerosos (21 e 25%) que os que aumentaram a sua confiança nestas entidades enquanto fontes de informação sobre a pandemia (17 e 18%).

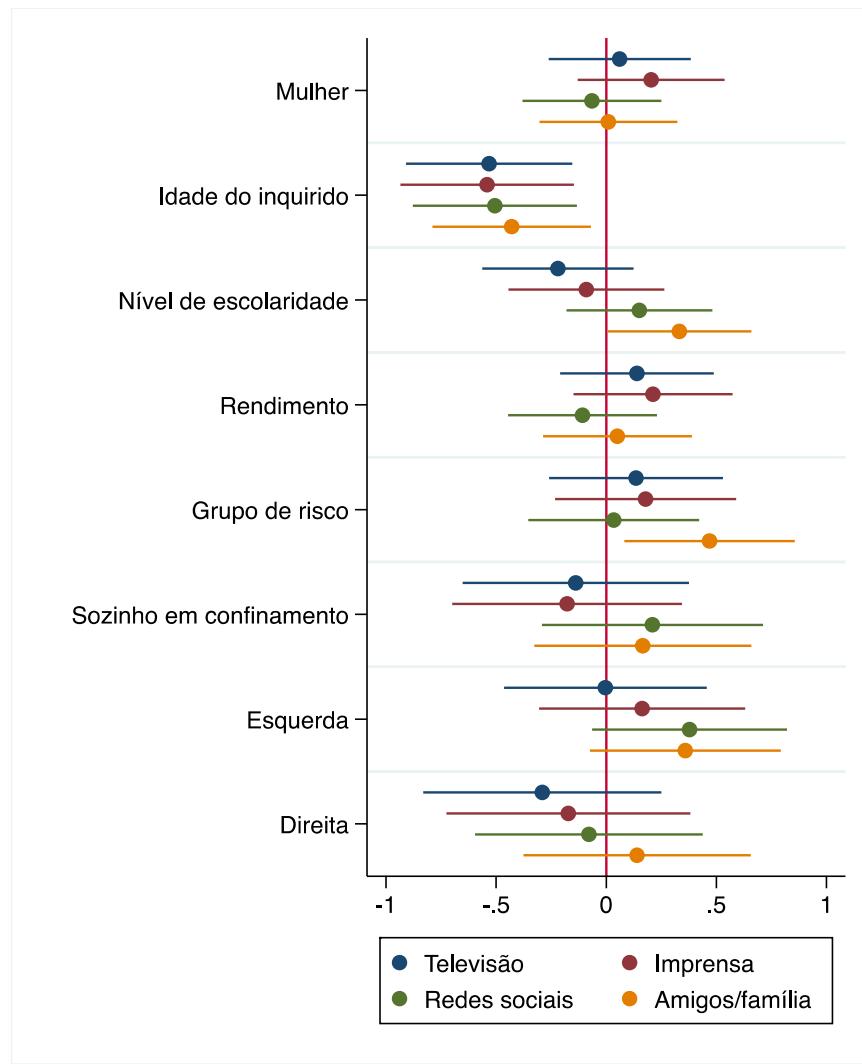


Figura 3.3: Fatores explicativos da evolução da confiança em diferentes fontes de informação entre março e maio de 2020 (regressão logística ordinal; coeficientes estandardizados; Intervalo de Confiança 95%)

A idade é a principal característica associada à evolução da confiança em fontes de informação sobre a pandemia entre março e maio de 2020 (Figura 3.3). De facto, para as quatro fontes analisadas há uma relação negativa entre idade e evolução dos níveis de confiança, verificando-se uma tendência para que os mais velhos tenham passado a confiar menos nestas fontes de informação sobre a pandemia, e para que os mais jovens a tenham reforçado. No caso da confiança nos amigos e na família, a instrução e a pertença a um grupo de risco também são relevantes: são os mais instruídos e os que possuem um quadro clínico que os coloca em risco aqueles que passaram a confiar mais nas pessoas que lhes são próximas. O género, o rendimento, o facto de se ter estado em confinamento sozinho ou acompanhado e o posicionamento ideológico não estão associados a diferenças na evolução da confiança nestas quatro possíveis fontes de informação sobre a pandemia.

4. Tensões familiares decorrentes do confinamento

Uma outra questão que importa analisar é o impacto do confinamento na ocorrência de conflitos ou tensões relacionais, comuns em todas as famílias, designadamente, momentos de stress, desentendimento, irritação ou discussão. Por um lado, algumas hipóteses apontam para o facto de o confinamento e os impactos da pandemia poderem exponenciar as tensões relacionais entre os entes queridos. Por outro, o facto de várias pessoas identificarem aspectos positivos decorrentes do recolhimento (e.g., mais tempo de qualidade em família, maior produtividade em regime de teletrabalho, menor tempo e stress no trânsito), faria prever que, para algumas famílias, a situação de confinamento poderia ter aliviado esses momentos de conflito. Finalmente, noutros casos ainda, tal reorganização pode não ter suscitado qualquer alteração na frequência de momentos de tensão, mantendo-se o padrão de frequência anterior à pandemia.

Neste sentido, com o objetivo de compreender em que medida os inquiridos sentiram que, com o confinamento, a frequência das tensões familiares se alterou, foi colocada a seguinte questão: *“De vez em quando, mesmo entre os nossos entes queridos, é comum que existam momentos de tensão, irritação ou discussão. Comparando com o que se passava antes da pandemia e do confinamento em casa, esses momentos de tensão são agora...”*, tendo as seguintes opções de resposta: 1) mais frequentes; 2) igualmente frequentes; e 3) menos frequentes.

Primeiro, importa salientar que para um pouco mais de metade da amostra (53%) a frequência das tensões familiares durante o confinamento manteve-se igual à que se verificava antes da pandemia e do confinamento. Os restantes respondentes dividem-se entre os que reportaram ter vivenciado mais momentos de tensão durante o confinamento do que antes (22%) e os que afirmaram ter experienciado menos conflitos durante o confinamento do que antes (25%).

De forma a perceber quais as características sociodemográficas, familiares e vivenciais dos inquiridos que podem influenciar a ocorrência de tensões familiares, procedeu-se a uma análise das variáveis mais associadas à evolução da frequência destes momentos conflituosos. Os próximos gráficos (Figuras 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4) representam os desvios de cada grupo, nas diferentes variáveis sociodemográficas, familiares e vivenciais, em relação à

totalidade da amostra para os inquiridos que reportaram mais e menos tensões familiares durante o confinamento do que antes.

4.1 Maior frequência de tensões familiares durante o confinamento

O primeiro dado a destacar é que, de facto, o aumento de tensões familiares está associado a fatores sociodemográficos, a fatores familiares relacionados com os agregados domésticos, e a fatores vivenciais.

Em relação aos **fatores sociodemográficos** (Figura 4.1), verifica-se que a **idade** e a **situação profissional** atual estão fortemente associadas a uma maior ocorrência de tensões familiares. É, sobretudo, entre os inquiridos mais jovens, com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos, bem como os que integram o escalão etário dos 45 aos 54 anos, que se observa uma maior proporção de pessoas que referem ter conflitos mais frequentemente durante o período de confinamento do que antes. Já em relação à situação profissional atual, verifica-se que são os inquiridos que estão a estudar e os que continuaram a trabalhar no registo anterior à pandemia que mais afirmaram terem sentido um aumento de tensões familiares no confinamento comparativamente com o período anterior.

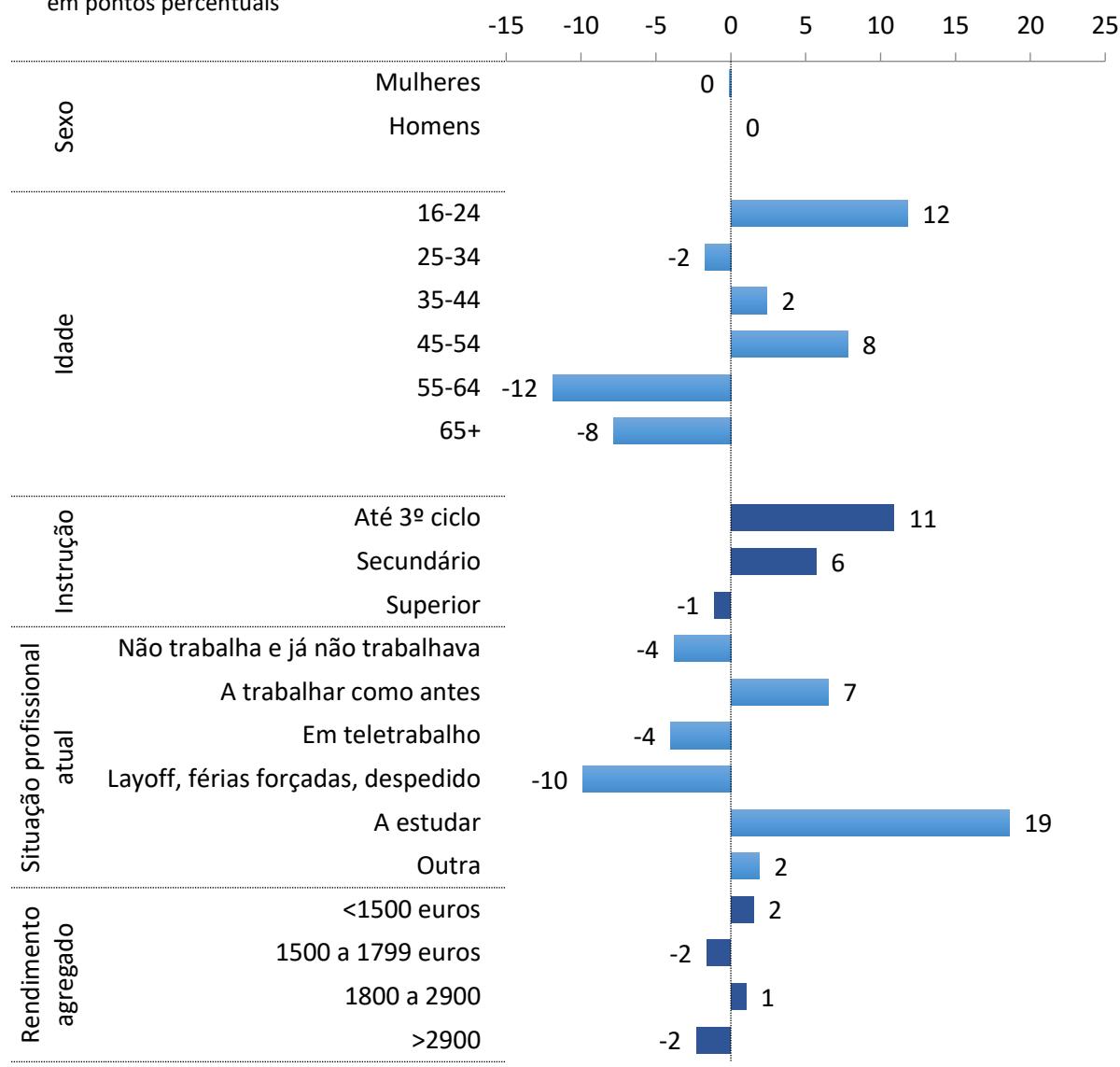
Em relação aos **fatores familiares** associados à **estrutura do agregado doméstico** (Figura 4.2), verifica-se que quer a sua composição, quer a presença de elementos menores e de elementos atualmente a estudar, estão associadas ao aumento da frequência de tensões familiares. É nos agregados monoparentais (um só progenitor e o(s) filho(s)), nos agregados constituídos por várias pessoas sem núcleo (e.g., colegas de trabalho, amigos, primos, madrinha) e nos agregados compostos pela família alargada e, por conseguinte, frequentemente multigeracionais (casais com filhos, pais, sogros, avós, netos, etc.) que se verifica uma maior proporção de pessoas que reportaram ter mais tensões familiares agora do que antes do confinamento. É também nos agregados com estudantes e com menores que se verifica uma maior percentagem de inquiridos que referiram um aumento da frequência de momentos de tensão familiar.

Finalmente, em relação a **fatores vivenciais** ligados à evolução dos impactos sociais entre março e abril de 2020 (Figura 4.2), verifica-se que a percepção da evolução do nível de dificuldade de lidar com as restrições e a alteração das rotinas está fortemente associada a uma maior ocorrência de tensões familiares. Neste sentido, a análise revela que são as

pessoas que já manifestavam ser difícil lidar com as restrições em março e que continuam a expressar o mesmo em abril, mas também aquelas que apenas começaram a sentir que era difícil lidar com as restrições neste último mês, as que mais indicaram um acréscimo de conflitos. É também entre as pessoas cujos hábitos e rotinas se alteraram muito que se encontra uma maior proporção de inquiridos que reconheceram um aumento da frequência de tensões familiares.

As tensões familiares são mais frequentes

Desvio de cada grupo em relação ao resultado para a totalidade da amostra (22.4%) em pontos percentuais

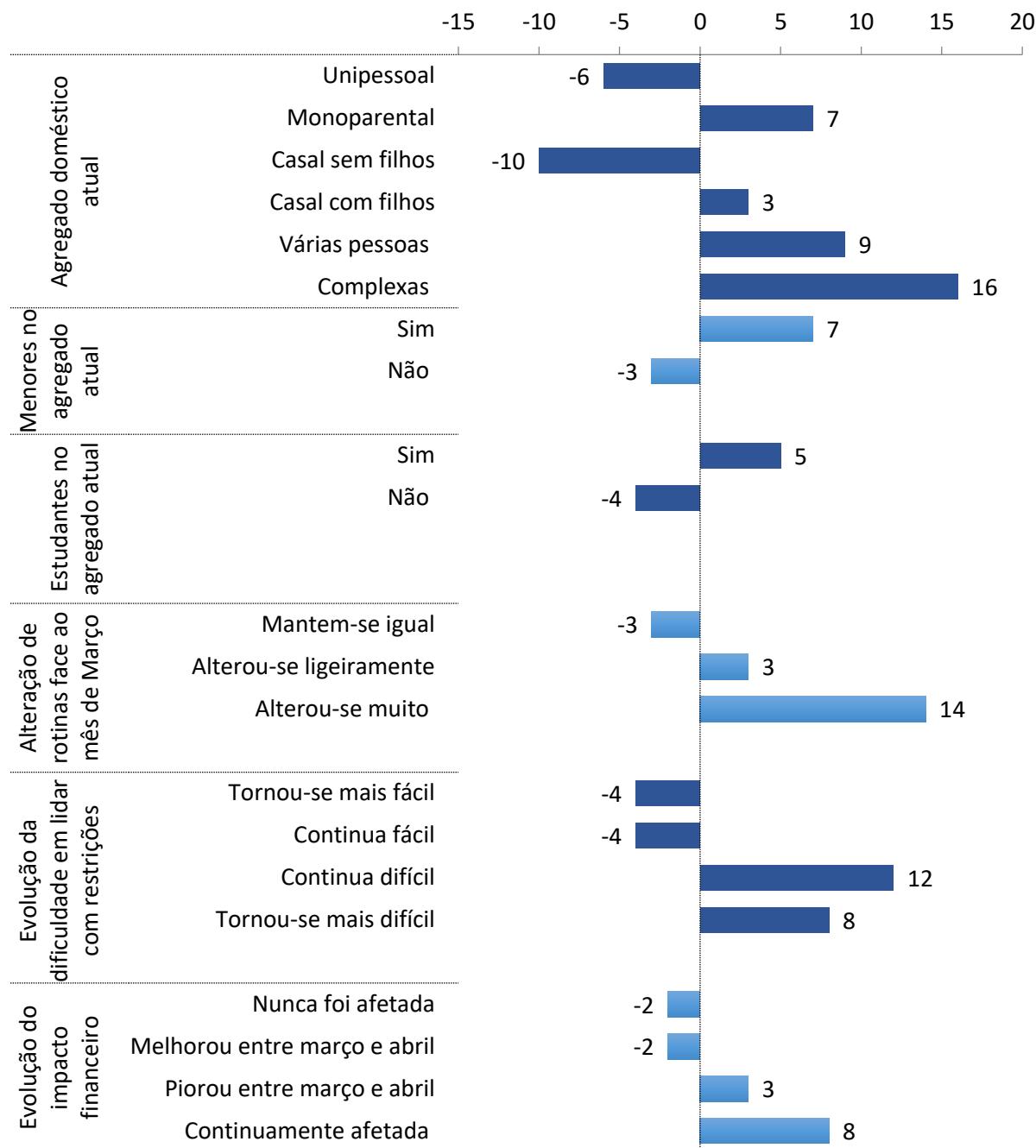


Recolha: Abril 2020

Figura 4.1. Cruzamentos com atributos dos inquiridos que indicam que “As tensões familiares são mais frequentes” !

As tensões familiares são mais frequentes

Desvio de cada grupo em relação ao resultado para a totalidade da amostra (22.4%)
em pontos percentuais



Recolha: Abril 2020

Figura 4.2. Cruzamentos com atributos dos inquiridos que indicam que “As tensões familiares são mais frequentes” II

4.2 Menor frequência de tensões familiares durante o confinamento

Tal como no aumento de tensões familiares, também a diminuição da frequência de tensões familiares está associada aos três tipos de fatores considerados.

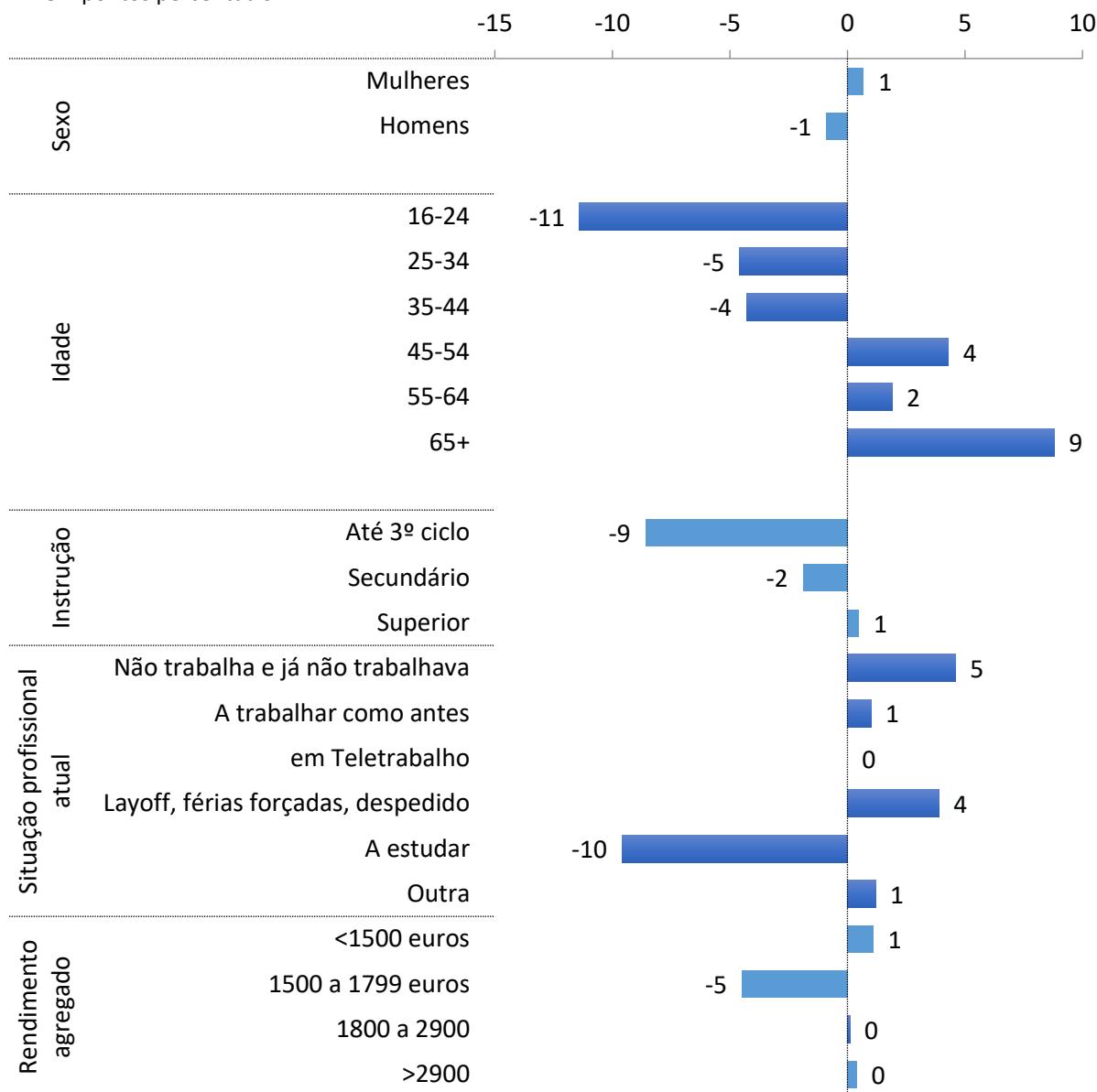
Em relação aos **fatores sociodemográficos** (Figura 4.3), verifica-se que a **idade** e a **situação profissional** atual estão fortemente associadas a uma menor ocorrência de tensões familiares. São, sobretudo, nos inquiridos com mais de 65 anos, bem como nos que têm entre 45 e 54 anos, que se observa uma maior proporção de pessoas que reportaram ter menos momentos de conflitos durante o período de confinamento do que antes. Já em relação à situação profissional atual, verifica-se que são os inquiridos que não trabalham, mas que já não estavam a trabalhar antes da pandemia, e também os que foram colocados em *layoff*, férias forçadas ou que foram despedidos, aqueles que mais afirmaram terem sentido uma diminuição de tensões familiares durante o confinamento comparativamente com os tempos anteriores.

Em relação aos **fatores familiares** associados à **estrutura do agregado doméstico** (Figura 4.4), verifica-se que quer a sua composição, quer a presença de elementos menores ou que estão atualmente a estudar, se associam à diminuição da frequência de tensões familiares. É nos unipessoais (pessoas que vivem sozinhas) ou nos agregados compostos por casais sem filhos que se encontra uma maior proporção de pessoas que expressaram ter menos tensões familiares agora do que antes do confinamento. É também nos agregados onde não há estudantes que se verifica uma maior proporção de inquiridos que afirmaram ter havido uma diminuição de momentos de tensão. Curiosamente, apesar de ser uma tendência menos expressiva, tal como nos agregados onde ocorreu um aumento da frequência de tensões familiares, é nos agregados com indivíduos menores que se verifica uma maior proporção de pessoas que manifestaram um decréscimo de conflitos.

Finalmente, em relação aos **fatores vivenciais** ligados à evolução dos impactos sociais entre março e abril de 2020 (Figura 4.4), verifica-se que a evolução do nível de dificuldade de lidar com as restrições está associada a uma menor ocorrência de tensões familiares. Neste sentido, constata-se que é entre as pessoas para quem sempre foi fácil lidar com as restrições que se encontra uma maior proporção de inquiridos que revelaram uma diminuição da frequência de tensões familiares.

As tensões familiares são menos frequentes

Desvio de cada grupo em relação ao resultado para a totalidade da amostra (25.3%) em pontos percentuais

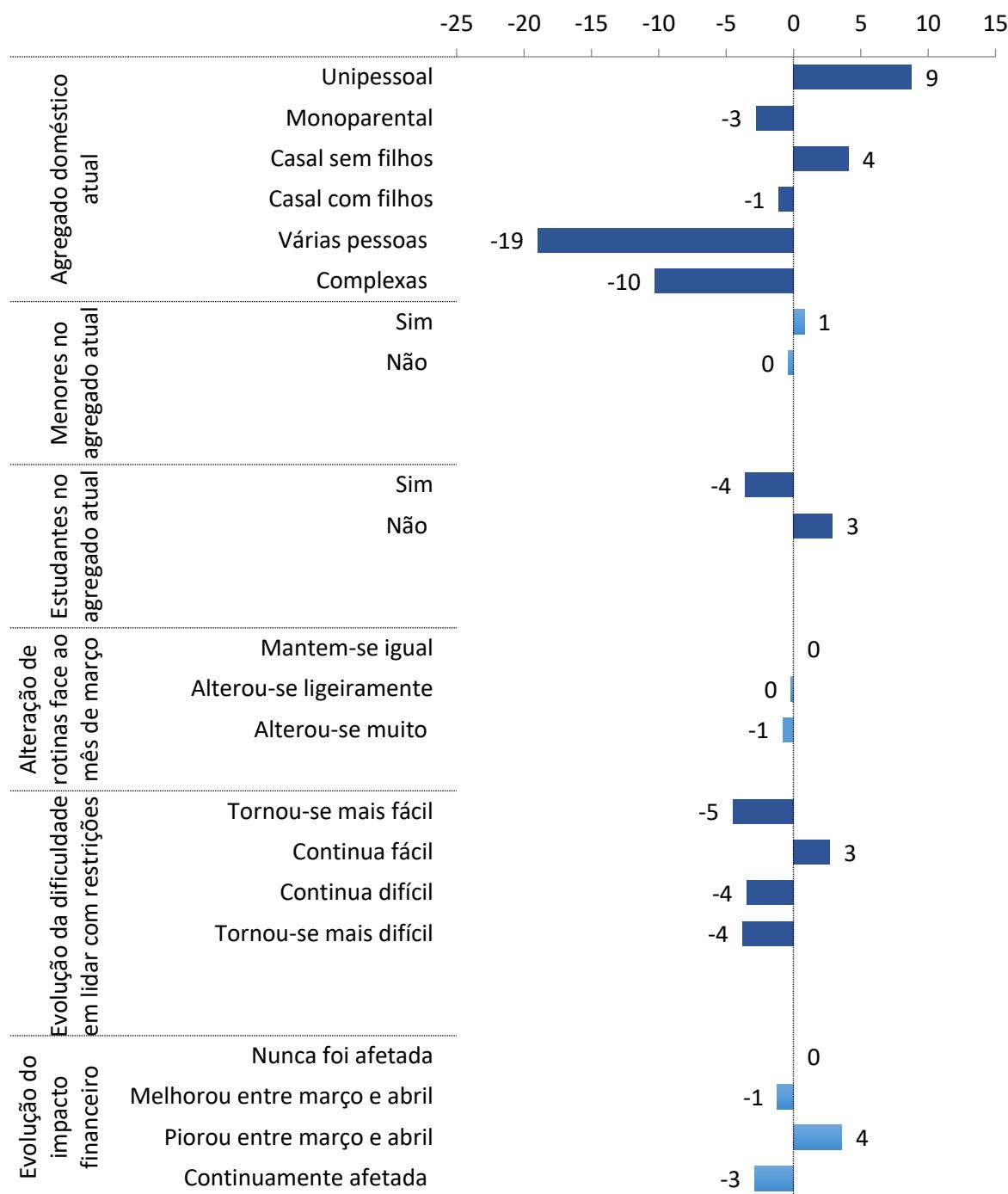


Recolha: Abril 2020

Figura 4.3. Cruzamentos com atributos dos inquiridos que indicam que “As tensões familiares são menos frequentes” I

As tensões familiares são menos frequentes

Desvio de cada grupo em relação ao resultado para a totalidade da amostra (25.3%)
em pontos percentuais



Recolha: Abril 2020

Figura 4.4. Cruzamentos com atributos dos inquiridos que indicam que “As tensões familiares são menos frequentes” II

5. As preocupações em relação ao futuro

Na primeira vaga deste Inquérito, os inquiridos tiveram a oportunidade de se pronunciar de forma aberta sobre as suas preocupações principais em relação ao futuro. Com base nestas respostas, elaborou-se uma reflexão sobre as dimensões comuns que estruturavam estas preocupações. Tal reflexão pode ser consultada no primeiro relatório disponível [aqui](#).

A segunda vaga deste inquérito contemplava uma pergunta modificada com base nesses resultados. Era pedido que fossem indicadas as preocupações mais importantes relativamente ao futuro, selecionando um máximo de duas de uma lista de seis que lhes era apresentada:

- A minha situação financeira (ex.: perda de emprego, perda de rendimento);
- A situação económica do país (ex.: desemprego, desigualdades, crise financeira);
- A minha saúde (física, mental) e/ou a da minha família;
- A situação de saúde pública (ex.: contágios e mortalidade, novas vagas de pandemia, incapacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde face à Covid-19 ou outras doenças);
- A incerteza sobre quando voltaremos a estar com os nossos familiares, amigos, colegas (ex.: visitar os pais/avós, sair à noite com amigos, brincar com os netos);
- Os efeitos da pandemia na educação e no percurso escolar/académico (meus ou dos meus familiares próximos).

Para além das preocupações apresentadas na lista anterior, os inquiridos dispunham ainda da possibilidade de escreverem, numa resposta aberta, sobre “outras preocupações” que sentiam ser igualmente importantes.

Quanto aos resultados obtidos para a pergunta fechada, o padrão é claro e robusto, indicando que, para a totalidade desta amostra, as três principais preocupações são (por ordem decrescente):

- 1^ª Situação económica do país (67% dos inquiridos);**
- 2^ª Situação de saúde pública (46% dos inquiridos);**
- 3^ª Incerteza sobre quando voltamos a estar com os nossos familiares, amigos e colegas (37% dos inquiridos).**

Notam-se apenas duas exceções ao consenso generalizado na amostra:

- a) Entre os inquiridos que assinalaram noutro ponto do Inquérito que a sua situação financeira já havia sido afetada pela pandemia, “a situação financeira pessoal” passa a constar como a segunda preocupação mais importante (e não apenas a da economia, em geral);
- b) Para os inquiridos que se posicionam no quadrante ideológico da direita, embora as mesmas três preocupações se mantenham à frente, a segunda e a terceira preocupações mais referidas invertem a ordem, sendo que estes inquiridos estão mais preocupados com a incerteza do reencontro com familiares, amigos e colegas do que com as questões de saúde pública.

Ainda que haja uma robustez inegável no resultado que coloca estas três preocupações como as mais presentes na mente dos inquiridos é, no entanto, possível perceber se a prevalência de cada uma destas três preocupações depende de fatores sociodemográficos como o género, idade ou escolaridade, entre outros. A este nível, pouco há a referir: **a preocupação com a saúde pública é mais prevalente entre as mulheres e os inquiridos que não se apresentam como sendo de direita; a preocupação com a economia em geral está mais presente nos inquiridos mais instruídos; em geral, os inquiridos que referem que a sua situação financeira ainda não foi afetada indicam com mais frequência todas estas três preocupações fundamentais.**

Focando agora a pergunta em aberto, verifica-se, antes de mais, que **cerca de um terço dos inquiridos decidiu responder a esta pergunta**. Alguns optaram por detalhar as suas respostas fechadas (ilustrando ou particularizando certas dimensões, vincando com muita

assertividade as escolhas anteriores, por exemplo). Mas a maioria escreveu sobre outras preocupações que consideram igualmente importantes. Delas nos ocupamos de seguida.

Muitos inquiridos escrevem sobre o aprofundamento de **desigualdades sociais** que esta crise provocará. Já latentes no período pré-pandemia, agora adquirem uma nova visibilidade e gravidade, com a degradação do mercado laboral, os aumentos dos índices de desemprego, a perda de rendimento das famílias e as feridas da desproteção social. Essa reflexão é muitas vezes enquadrada por uma análise crítica do sistema capitalista e financeiro global dominante, aludindo-se ao cavar do fosso entre países ricos e países pobres. “Pobreza” e “pobreza extrema” são palavras usadas muito frequentemente nestes testemunhos:

A degradação do mercado laboral e do rendimento das famílias pobres e remediadas que se perspetiva ameaça arrastar o país para uma nova espiral de retrocesso que o poderá deixar próximo de uma situação terceiro-mundista. H, 45-54, ESup

As desigualdades sociais que esta crise acaba por acentuar e que, se mal geridas, podem ter implicações sociais terríveis num futuro próximo. A falta de acerto das instituições internacionais que, nos poucos avanços demonstrados, hesitam e não ousam optar definitivamente pelas pessoas, submetendo-se à lógica DESTA economia vigente e da ALTA FINANÇA, ambas com sérios problemas éticos e com objectivos situados fora das necessidades das pessoas. Se há dimensão da vida social repugnante, para usar um adjetivo em uso, é a o modelo económico/financeiro dominante, em que os bancos são protagonistas importantes. M, 65+, ESup

Preocupa-me imenso as populações em situação de pobreza - nomeadamente a extrema - , a nova pobreza - também, não convém esquecer - , e o crescimento de casos de violência doméstica e de abuso de crianças e que resultam da realidade de confinamento a que estamos sujeitos. M, 35-44, ESup

A reconfiguração das relações sociais e da vida em sociedade. O aumento das desigualdades sociais. A falta de solidariedade entre os países da União Europeia e entre "países ricos e pobres" no mundo. M, 55-64, ESup

Muitos partilham, assim, o receio de uma **perda de oportunidade** para repensar a sociedade atual. Ou seja, a preocupação de que tudo "volte ao normal" (como era dantes) e que não se aproveite esta crise para se repensarem os modos de organização e as prioridades das sociedades em que vivemos – onde, entre outras coisas, a solidariedade, a justiça social, o respeito pela natureza e pelo Outro e a sustentabilidade do planeta parecem ter sido esquecidas:

Preocupa-me a hipótese de voltar tudo ao normal. O mesmo normal que nos fez chegar aqui: uma sociedade especista, centrada numa economia neoliberal promotora de desigualdades brutais, onde a solidariedade e a empatia não têm lugar ou são residuais. M, 55-64, ESup

O que significará "voltar à normalidade" ? Será que essa "normalidade" não terá de ser alterada depois de tudo isto? Será que queremos continuar a viver numa sociedade alienada, onde o trabalho é cada vez menos valorizado, o ambiente vai sendo destruído, e os valores éticos, bem como a justiça social, são considerados luxos utópicos? Não me parece. H, 65+, ESup

A maior preocupação é que não haja uma reflexão séria sobre o modo como trabalhamos, como consumimos, como estudamos, sobre os hábitos culturais. E que o governo se deixe dominar pelos interesses económicos, não tendo a coragem de promover o dito "novo normal", romper com convenções e ser arrojado, procurando reinventar uma sociedade com mais equilíbrio, saúde, consciência cívica e felicidade.
M, 35-44, ESup

Receio que se aprenda pouco com a situação, seria um momento oportuno para estarmos a falar sobre as alterações climáticas, a proximidade com a Natureza, a

diminuição do consumismo, planear uma vida em sociedade diferente, em que o amor prevalecesse. M, 65+, ESup

Sustentabilidade do planeta!! Muito receio que a ânsia pela recuperação económica se esqueça da urgência de esforços (que já eram tão escassos) para mudarmos os nossos hábitos para outros mais sustentáveis. Se antes havia palhinhas no chão, agora há luvas e máscaras. A humanidade precisa mesmo muito urgentemente de parar de olhar para o seu umbigo e a sua bolhinha e perceber rapidamente que não estamos neste planeta sozinhos nem sozinhos sobreviveremos. M, 35-44, ESup

Velhas ou novas formas de discriminação são preocupação para outros inquiridos, não raro associadas ao idadismo e também a subtis modalidades de “eugenismo social”. A relação com a própria doença pode gerar novas categorias de partição e discriminação de uns face a outros:

O aumento de racismo, xenofobia e de desigualdades. M, 35-44, ESup

Muito receio com a limitação da liberdade individual, a pretexto da protecção sanitária (ex.: "idosos" obrigatoriamente confinados em casa, mesmo se em bom estado de saúde e se desejam assumir risco de contágio); perigo de novas formas de discriminação a partir da relação das pessoas com a doença (contagiado vs. não contagiado, com anticorpos vs. sem anticorpos). M, 54-65, ESup

Os “**idosos**”, em particular, são objeto de grande preocupação em muitos testemunhos – não só como fonte de novas estigmatizações, mas ainda como franja particularmente vulnerável à doença mental, devido ao isolamento a que foram forçados.

A possível estigmatização subtil dos "Idosos". H, 65+, ESup

Temo que se tenha criado um clima discriminatório dos designados genericamente idosos, se bem que se possa estar parcialmente imune pelo estatuto social e estudos. Mas dá-me ideia que está para ficar mais pesado. M, 65+, ESup

A saúde mental dos idosos fechados em lares, porque existe a possibilidade de não receberem visitas até ao final do ano. M, 16-24, ESup

Alguns lembram-se também do impacto do confinamento no caso específico das crianças e no potencial que a ausência de escola pode vir a ter no seu desenvolvimento emocional e no reforço de visões demasiado individualistas do mundo:

O impacto no desenvolvimento social e emocional nas crianças mais pequenas. M, 34-45, ESup

Fruto da ausência de aulas presenciais para as crianças do ensino primário, que ainda estão a desenvolver o pensamento e relações sociais, esqueçam que existiu o contacto com outras crianças antes do Covid-19, caso demore muito tempo a abertura das escolas, e isso leve a que cresçam conhecendo e acreditando que a "sua realidade" é o distanciamento social e que isso se reflita numa sociedade mais individualista no longo prazo. H, 16-24, ESup

Apenas uma ou outra inquirida refere as desigualdades de **género**, com impactos na progressão das carreiras profissionais das mulheres:

Relativamente à primeira, o aprofundar das desigualdades. Também tenho lido sobre a sobrecarga de trabalho doméstico que recaiu sobre as mulheres e penso em como o teletrabalho é diferente para quem tem ou não filhos/pais a precisar de cuidados, e para quem cuida ou não deles, prejudicando as mulheres em particular nas suas carreiras (por exemplo, na academia). M, 25-34, ESup

As dimensões políticas da pandemia são temas igualmente aflorados por muitos entrevistados. A Covid-19 pode trazer ameaças à democracia em geral (ex.: degradação do clima de confiança nas instituições, crescimento dos populismos e dos movimentos xenófobos no Ocidente europeu) e esses riscos são particularmente elevados quando se pensa que os líderes políticos, nacionais ou internacionais, “não estão à altura”:

Politicamente, que haja um aproveitamento da pandemia para medidas menos democráticas. Socialmente, que os efeitos do isolamento tenham consequências graves para a vida em sociedade (ânimo, descrença, desinteresse, irritabilidade). H, 45-54, ESec

Eventuais derivas populistas. H, 55-64, ESup

Situação política do país, que tenderá a deteriorar-se com o grassar da crise económica. Não deveríamos tomar a democracia por garantida tão levianamente. H, 35-44, ESup

Medo do terrorismo ou instalação generalizada de regimes ditatoriais. M, 65+, ESup

Nem o país, nem a Europa têm líderes que possam lidar com esta pandemia. Estamos pobres de decisores políticos. H, 55-64, ESup

Os líderes mundiais que depreciam e não acatam as opiniões dos cientistas. H, 55-64, ESup

A eventual falta de sentido de Estado dos governantes de Portugal e da UE ao preocuparem-se com medidas pontuais e de bem-estar de curto prazo que os tornem uma espécie de salvadores, fazendo perigar, ainda mais, as gerações futuras! H, 65+, ESup

O futuro da União Europeia é, sem dúvida, outra preocupação recorrente nesta amostra. A desintegração do projeto europeu, pelo facto de a UE se mostrar incapaz de solidariamente

gerir esta crise, constitui receio para muitos. A palavra “colapso” é frequentemente escolhida para a descrever:

Receio que isto desemboque no fim da União Europeia. Tudo indica que estamos no epicentro de um furacão e que, de facto, a ordem política e económica internacional estão em grande mudança com a perda óbvia de influência dos EUA e da própria Europa. O futuro é muito incerto. M, 45-54, ESup

Além disso, enquanto cidadão convictamente europeu, receio que a nossa Europa não tenha a solidariedade necessária para, em conjunto, se enfrentar a crise sem fazer perigar o equilíbrio orçamental... Temo ainda que tenhamos de viver muito mais tempo com este cutelo das restrições sociais... M, 65+, ESup

O colapso das instituições europeias pela sua incapacidade em materializar medidas socialistas que visem a redistribuição dos lucros selvagens e da fuga de capitais por parte dos grandes grupos económicos e credores, sejam eles singulares ou colectivos, que irão continuar a beneficiar de um estatuto de privilegiados no mercado, enquanto que milhares morreram de pobreza financeira. H, 25-34, ESec

Nas franjas mais jovens da amostra, a preocupação com a dimensão europeia da crise prende-se com um outro facto: ao contrário do cenário de 2008, emigrar para fugir da recessão económica portuguesa deixa de ser uma alternativa. A Covid-19 é uma pandemia e como tal os seus impactos económicos estendem-se aos “países de destino” dos projetos migratórios. Eis como o exprimem dois adultos em idade ativa:

O facto de a crise ser comum a toda a Europa pode, em caso de crise aguda em Portugal, limitar as oportunidades noutros países, que poderiam servir de alternativa. Os efeitos que tal crise poderá ter na UE e na ordem europeia e mundial.
H, 25-34, ESup

A situação económica na Europa em geral. Estava a fazer planos de emigrar algures a meio de 2021, contando já ter os meus estudos (e da minha parceira) terminados,

mas com esta pandemia os estudos dela estão em risco de atrasar um ano (não pode completar o estágio) e estou com receio de os países que antes nos eram atrativos começarem a ter medidas, devido ao impacto económico, que possam dificultar o acesso aos imigrantes. H, 25-34, ESup

Uma outra preocupação manifestada prende-se com o surgimento de formas de **controlo da vida dos cidadãos**, da imposição de **restrições de direitos, liberdades e garantias individuais** “que até hoje temos como certas”, favorecidas pelo clima de medo generalizado que tende a instalar-se na população. É como se o Estado, cada vez mais “vigilante” e “policial”, estivesse “a apertar o cerco sobre as pessoas”:

Receio muito que esteja a ser criado um clima de medo generalizado e de excessivo controlo da vida dos cidadãos por parte das autoridades. H, 55-64, ESup

O efeito potencialmente negativo da pandemia nas atitudes sobre a privacidade de dados dos cidadãos. H, 45-54, ESup

A sociedade não conseguir superar o medo de conviver e tender para autocracia (confinamento dos que menos tempo têm para viver). H, 55-64, ESec

Imposição de regimes ou medidas autoritárias, como a vacinação obrigatória ou o controlo de localização. M, 35-44, ESup

O medo paralisante “sem data para terminar” e **o sentimento de incerteza e imprevisibilidade** são explicitamente descritos por muitos entrevistados que pressentem que, após esta experiência, “nada vai ser como dantes”.

Muitas pessoas sentem-se “assustadas”:

O voltar à vida normal assusta-me. Sinto que o mundo a que vamos voltar já não vai ser o mesmo. A cidade vai estar diferente, muita coisa fechada, mais medo, as pessoas vão mudar de área. M, 25-34, ESup

A sensação de que nada voltará a ser como era, de que tudo mudará em todos os aspectos é muito impactante na forma como estou a olhar para o futuro. É mesmo assustador e causador de ansiedade, de medo do desconhecido. O contato físico (demonstrações emocionais) condicionado contribui para a preocupação com a saúde mental. M, 55-64, ESup

O medo que haverá depois de isso tudo passar e podermos sair minimamente e voltar a ter a oportunidade de estar em grupo com as pessoas. Olhar para restaurantes ou eventos que havia e já não serão o mesmo porque as pessoas estarão a adoptar uma postura de distanciamento. M, 25-34, ESup

A maioria das preocupações apresentadas estão na minha cabeça, mas tento não ceder ao medo, nem pensar muito na pandemia, por isso preocupa-me mais que a normalidade vai ser possível e como vai ficar a escola das crianças e a situação dos mais idosos. E claro a situação económica do país e o turismo. M, 45-54, ESup

Outras insistem na ansiedade que lhes provoca o facto de **não conseguirem prever, planear ou controlar a vida**. É “a incerteza de quando isto acaba”:

... o tempo de vida que se perde fechado em casa... a incerteza de haver uma cura para isto nos próximos tempos... a incerteza de haver futuro no planeta. M, 45-54, ESup

A incerteza de sobreviver e voltar a reunir com familiares e amigos. H, +65, ESup

A dificuldade de prever quando tudo voltará ao normal tal qual era antes da Covid-19, se é que alguma vez isso vai voltar a acontecer. H, 55-64, ESup

A incerteza. Entramos num tempo de incerteza a que nem os políticos nem os Estado podem ou sabem responder, não é possível ter um estratégia a prazo.... Como se diz

no budismo, e estes tempo comprovam, a única permanência é a impermanência. M, 55-64, ESec

A incerteza sobre o modo como a pandemia se reflete e refletirá **na relação com “o outro”**, em geral e, também, no círculo mais restrito dos **afetos e laços intergeracionais**, suscita reflexões que muitos inquiridos desejaram partilhar. A tónica, para alguns, é colocada no “relacionamento interpessoal que, certamente, não voltará a ser o mesmo”. As medidas de distanciamento social, por exemplo, vão conduzir-nos a comportamentos típicos dos “escandinavos”, mas pouco populares em países onde prevalece a cultura do abraço “mediterrâneo”?

A qualidade das relações interpessoais menos diretas. A nossa concepção do outro (como ameaçador, portador de doença). M, 35-44, ESup

Como é que a humanidade vai integrar o distanciamento social nas suas vidas, em relação também ao futuro, como ficarão os afetos. M, 45-54, ESup

Vamos alterar os comportamentos no futuro, como o convívio social em grupo, bem como os relacionamentos entre casais? Ou seja, de um comportamento mediterrâneo passaremos a ter um comportamento escandinavo? H, 35-44, ESup

Como seremos capazes de voltar a abraçar e a certeza de que nada será igual mas sem imaginar como será? M, 55-64, ESup

Preocupação com o que será o relacionamento distanciado com as pessoas protegidas por máscaras e com receio de se aproximarem. De que modo isso marcará as relações interpessoais. H, 45-54, ESup

Dentro deste quadro, a incerteza de não saber quando se volta a **estar** ou a **abraçar os entes mais queridos** é também uma preocupação relevante – quer dos mais novos em relação aos mais velhos, quer dos mais velhos em relação aos mais novos:

A incerteza sobre os termos em que poderei, nos próximos meses, conviver com as pessoas mais velhas que me são próximas (pais e avós). Sinceramente, enquanto pertencente a um grupo de reduzido risco, vejo com naturalidade a possibilidade de voltar à rua e, decorrente disso, ter contacto com o vírus (o que é favorável no sentido da imunização), mas ao mesmo tempo receio infetar pessoas mais vulneráveis. H, 25-34, ESup

Para além das que mencionei, é a incerteza de quando poderei reunir com a minha família, ver a minha neta que vai nascer este mês. M, 55-64, ESec

A preocupação com familiares a viver no estrangeiro, quando os poderemos visitar ou eles a nós. M, 65+, ESup

A incerteza sobre quando e como poderemos estar com os nossos familiares e amigos, a perda de rendimento e a consequente saúde mental. M, 55-64, ESup

A alteração nas manifestações de afeto entre famílias e amigos. Ser difícil viajar ou mudar de ambiente no período de férias. M, 65+, ESup

Um número restrito aborda o problema da **degradação** das relações familiares, nomeadamente entre o casal. O confinamento veio trazer para o centro do quotidiano doméstico tensões que provavelmente se arrastavam de trás:

A quantidade de divórcios que está por vir... H, 35-44, ESup

Um eventual divórcio pelo desgaste do relacionamento. A perda de competências relacionais pelo tempo prolongado de isolamento, especialmente da nossa filha. M, 25-34, ESup

A perda de um certo estilo de vida “cosmopolita” (as viagens, as férias em países distantes), do usufruto da cidade e dos recursos culturais que oferece, das “rotinas fora de

casa" ("os espetáculos", "as férias na praia") é receada por uma significativa franja de inquiridos.

O viajar para fora do país. M, 45-54, ESec

A incerteza quanto à possibilidade de viajar para países distantes como tenho feito até aqui. M, 65+, ESup

Incerteza sobre quando voltaremos a ter a vida social (para além da familiar apontada acima) normalizada - lazer (restaurantes, espetáculos), viagens em trabalho ou não, rotinas fora de casa, etc. M, 35-44, ESup

As saudades do mar ... e o facto de todos os meus projectos para viajar terem sido adiados. Até quando? M, 65+, ESup

Será que podemos fazer férias na Praia? M, 55-64, ESup

Voltar a poder usufruir de passeios livres e sem preocupações junto ao mar, viajar com as minhas filhas sem medo de contágio. M, 35-44, ESup

As preocupações associam-se, também, à necessidade que a Covid-19 trouxe de **adiar ou interromper projetos** e, portanto, mudanças no curso de vida. Por exemplo, tornar-se autónomo (face aos pais), fundar uma empresa, comprar uma casa:

Permanecer na casa dos meus pais e ter que deixar o teletrabalho. Não conseguir que façam obras na minha casa para poder ter o meu espaço. M, 35-44, ESup

Tenho receio de ter de emigrar. Não porque tenho medo de sair do país, mas porque eu gosto de Portugal, vim viver para o Alentejo porque a situação em Lisboa já não era suportável (há pouco emprego qualificado e as casas têm rendas altíssimas). Aqui no Alentejo a vida é diferente, mas se não se mudar a forma de governo depois desta crise, as poucas empresas que já existem no Alentejo vão fechar e isto vai-se

tornar um deserto. É assustador, porque não só eu e o meu namorado poderemos perder o nosso emprego, como não teremos à volta mais nenhum para onde ir... Por não haver mercado. E fundar a própria empresa - nós somos bastante pró-activos nesse sentido e já pensámos muito nisso - é impensável por causa dos impostos. M, 25-34, ESup

Cancelamento de planos de melhoria da qualidade de vida pessoal (ex.: troca de carro vai ser adiada, reparações caseiras vão ser adiadas). M, 45-54, ESup

Antes da pandemia, estávamos no processo de finalizar a compra de casa. Para além de ter atrasado bastante, o facto deste passo ter sido dado e de repente surgir uma pandemia, com os efeitos potencialmente devastadores para a situação económica já e depois, tem sido difícil de gerir emocionalmente, precisamente pelo medo da gestão financeira futura de um compromisso tão sério como a compra de uma casa.

H, 35-44, ESup

Em suma, as respostas abertas declinam ora um compósito de dimensões económicas, sociais e políticas de um conceito amplo de cidadania, ora o receio perante novas formas de aproximação e relação com os outros. Este testemunho de uma mulher, pertencente ao grupo etário dos 55-64 anos, com ensino superior é particularmente interessante, pois capta-as todas:

A situação de saúde pública e o equilíbrio entre riscos e respostas dos serviços de saúde e o perigo de controlo excessivo, a delação, a exacerbção de estigmas relativos a emigrantes, refugiados, idosos, "infectados". As transformações no ensino com o excesso de teletrabalho, perda de "empatia social e individual". O medo do medo. O aumento dos extremismos, nacionalismos e outros que tais.....

